

As consequências das mudanças climáticas sobre o comércio internacional e as ações do Brasil

Por Emmanuel Ribeiro

O comércio internacional é um fenômeno que movimenta trilhões de dólares a cada ano. Esta troca de bens e conteúdo é responsável pela globalização dos produtos e serviços utilizados em todas as nações gerando impactos e influenciando a vida de cada ser humano. A atividade do comércio internacional reequilibra e distribui a quantidade de produtos disponíveis em algumas regiões e os torna escassos em outras apresentando serviços às cidades e cidadãos de maneira que os preços são redimensionados com a demanda e oferta em cada país. O comércio internacional muda diretamente a dinâmica da economia dos países. Em 2012, o volume de trocas internacional movimentou 17,3 trilhões de dólares e os países em desenvolvimento foram responsáveis por 42% de valor transacionado naquele ano, segundo dados da OMC. Neste mesmo ano, o Brasil movimentou US\$ 465,7 bilhões em comércio exterior.

Existe, porém, juntamente com o fenômeno do comércio internacional, outro fenômeno tão presente na vida de cada um de nós quanto o comércio, o “Efeito Estufa”. É deste fenômeno que deriva o Aquecimento Global, capaz de afetar preços, ações dos seres humanos e a atividade econômica de cada país, tão ou mais fortemente do que os impactos gerados pelo comércio. Os principais efeitos gerados pelo Aquecimento Global são as Mudanças Climáticas. Estas são decorrentes das emissões de gases responsáveis pela manutenção do “Efeito Estufa” em patamar acima da quantidade natural necessária para regulação da temperatura na superfície da Terra. Isto é, a ação antrópica potencializa a concentração dos gases na atmosfera através da emissão de dióxido de carbono (CO₂), metano (CH₄), óxido nitroso (NO₂), dentre outros gases. A concentração desses gases acaba por aquecer o planeta num grau superior ao natural, ocasionando o que chamamos de “Aquecimento Global”.

No mundo cada vez mais globalizado, em que a interdependência impera desde o nível do indivíduo até o nível estatal, era de se esperar que, mais cedo ou mais tarde, esses fenômenos interagissem e, desta forma, gerassem consequências para nós e as atividades que realizamos. As mudanças climáticas estão alterando o padrão de produção e consumo e os impactos dessas mudanças são primeiramente sentidos na agricultura, atividade mais sensível realizada pelo homem por estar sujeita diretamente às interferências do clima. Como exemplo para esta situação, digamos que uma safra de soja que é perdida nos EUA em decorrência de uma seca, eleva o preço desta commodity no mercado internacional beneficiando os produtores no Brasil e vice-versa. Entretanto, os impactos gerados pelas mudanças climáticas vão muito além dos altos e baixos da agricultura.

Em 1997, quando foi firmado o Protocolo de Kyoto, surgiram, juntamente aos tratados firmados no Japão, o Mercado de Carbono e o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL). O mercado de carbono visa promover atividades que gerem o menor impacto possível no meio ambiente tendo suas emissões de carbono mensuradas. As

reduções das emissões de carbono podem ser comercializadas através de um mercado integrado globalizado que possibilita a compra de “créditos de carbono” que vem a ser a compra de títulos por parte de empresas que não conseguem diminuir suas emissões de gases e, como forma de compensar estas emissões, acabam por patrocinar projetos que visam o desenvolvimento sustentável. O Brasil foi um dos países que gerou a proposta inicial que levou, posteriormente, à criação desse mecanismo e o mercado de carbono. Além disso, o Brasil foi o primeiro país a ter um projeto de MDL aprovado pela ONU e o primeiro projeto no mundo a ter um título de Reduções Certificadas de Emissões (RCE), emitido por um MDL comercializado na Bolsa de Valores.

Entretanto, os efeitos das mudanças climáticas no comércio podem não ser tão objetivos, de fácil percepção ou mensuração. Existem medidas que podem influenciar o comércio internacional repentinamente mudando a dinâmica do fluxo de produtos como conhecemos hoje. Imaginemos que a Alemanha, o quarto maior mercado de automóveis do mundo, resolva somente importar carros elétricos. Se essa medida fosse implementada, países exportadores de automóveis como Brasil, México, EUA e China, seriam rapidamente afetados e, aqueles que produzissem automóveis elétricos em grande escala mais rapidamente, dominariam as exportações de carros elétricos para a Alemanha. Embora este tenha sido somente um exemplo, no Brasil, estudo feito pela Federação de Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), em 2009, mostrou que as mudanças climáticas podem causar impacto sobre a indústria brasileira, principalmente pela criação de barreiras comerciais nos mercados importadores aos produtos nacionais. Desta forma, se o Brasil quiser competir com os países mais desenvolvidos, é fundamental que seja incorporado imediatamente pelo país uma nova cultura empresarial, com foco na gestão ambiental. Vale destacar que os impactos da ação antrópica sobre o planeta e o uso ponderado dos recursos naturais já são fatores determinantes para a competitividade mundial. Mais recentemente, fez-se necessário aliar desenvolvimento econômico com o meio ambiente para promover a sustentabilidade. Esta união desenvolveu o conceito de bioeconomia. Este conceito visa atender interesses estratégicos do país, respeitando a sustentabilidade e a preservação dos recursos naturais do planeta, além de garantir a competitividade da indústria brasileira frente ao resto do mundo. Embora o Brasil necessite realizar grandes esforços para poder gerar riquezas com seu agronegócio mantendo suas florestas de pé.

Por fim, observa-se que as Mudanças Climáticas afetam o Comércio Internacional de várias maneiras. Podemos constatar que existe, desde um impacto sobre a produção de bens primários, como a agricultura, até a criação de um mercado de compra e venda de cotas de carbono e a busca de países por produtos que privilegiem a sustentabilidade ambiental acarretando numa readaptação da matriz produtiva das empresas alterando a maneira de como o comércio é feito. Salienta-se que a maneira como o desenvolvimento econômico é entendido deve se transformar em desenvolvimento sustentável para que, desta forma, os efeitos das mudanças climáticas sejam mitigados e que o fluxo de comércio internacional e as economias nacionais não sejam afetadas negativamente por variações climáticas e barreiras comerciais específicas.